

Deponente: Valdemar Ferreira dos Santos Xakriabá

Entrevistador: Juliana Ventura, Marco Túlio Antunes Gomes.

Data: 16 de maio de 2017

INTERLOCUTOR: E agente pede pra gravar pra ajudar mesmo, né? Pra gente conseguir escrever alguma coisa que seja mais verdadeiro com o que senhor disse. Tá bom?

VALDEMAR: Tá certo. Tá.

INTERLOCUTOR: Seu Valdemar, o quê que o senhor lembra assim, desse momento de luta pela retomada da terra Xakriabá?

VALDEMAR: Moça, lembro de tanta coisa, que eu acho que se fosse fazer, fazia dois livro, e ainda (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Uai, bom demais, então.

VALDEMAR: Porque eu tenho história muito de ano da luta de finado Rodrigo, e na luta dele, uns 20 anos, ano de 88 foi muito, foi muito esquisito pra nós, né? Sofreu demais na mão de fazendeiro. Nós não sabia se a terra era nossa ou se era dele. Vivía aí atropelado por esse povo, sem poder fazer nada que tinha dia que a gente ficava triste. Mas, mas tudo é com o tempo, a gente vai descobrindo que a gente tinha direito, mas naquele tempo, tinha hora que a gente ficava iludido, parece que o direito só corria, era do rio pequeno pra cair no grande. Então nós não tinha muita voz ativa não. Então nós, nós não sabia que ali era a porta que batia pra procurar nossos direito, e aí os outros vencia nós. E, mas, mas Deus deu um poder, porque naquela época começaram a invadir nosso território, encheu de fazendeiro que cês vê aí esses desmato, foi tudo na época de fazendeiro. Desmatou as nascente, acabou com um bocado delas, e aí é aonde o cacique Rodrigo, ele precisava escondido, pra procurar direito se existia, e por isso ele foi perseguido tanto. Na roça, polícia ia atrás dele, de noite na casa, (trecho incompreensível) carregava ele, fazia dele. Aí outras vezes, eu conversava com eles, e eles vinha pra levar ele, ele mandava eles ficar esperando que aquele tempo não tinha transporte, até ele ir pegar o cavalo pra ir, aí chegava lá, ele arriava o carro, desviava, quando eles tava esperando ele tava andando. Aí aconteceu isso um bocado de vez. Uma vez ele tava plantando um feijão ali na Embaúba, polícia chegou atrás dele, ele falou: “Cês espera aí que eu vou pegar um cavalo.” Aí ele foi no Barreiro panhar os documento dele, e aí quando ele chegou, ele falou com o irmão dele: “Agora, não me acompanha que eu não sei o quê que vai acontecer.” O irmão dele cismou: “Uai, acho

que não vou, não.” Aí eu fui mais ele, chegou lá eles já deteu ele num quarto e o investigador ia lá, investigava ele, trazia um coronel e foi uma tarde, ele dentro de um quarto lá. Aí foi indo o investigador vortô Falou: “Óia, coronel, o Rodrigo é bem documentado, agora o Laurindo não é muito, não, mas o Rodrigo é bem documento. E outra coisa, ele apresentou uma carta de capitão Pinheiro, o chefe de mina Bahia”. Aí ele disse: “Tá bom então eu quero ver essa carta.” Aí ele pegou e não rasgou, não tinha letra, não, a parte que num tinha, ele rasgou. Esse documento tá preso, eu quero ver eles andar fuxicando aí. Aí o Laurindo também foi panhado, que foi o que andava na luta mais ele, panharam aí eles falou pra Laurindo assim, isso: “Cês é rico, né? Que Brasília é lugar de rico, todo dia cês pode tá lá fuxicando.” Aí Laurindo disse: “Nós num somo rico não, somo rico das graças de Deus. Mas se a primeira queixa for lá nós vamo continuar.” Ele disse: “Pois então, cê vai, cê vai que nós vortá cá, nós vai enquadrar ocê.” Ele disse: “Não, se a lei prometi pode acontecer.” Ele disse: “Cê ao menos é índio?”. Ele disse: “Lá em Brasília eu passei pelo um exame, deu sou índio.” “Cê já viu índio careca?” Ele disse aqui: “Eu não vi, não, mas em Brasília eu vi diversos, que a nação de índio no urubu todos eles são careca.” Mas ele olhou pro outro, fez boca de rir, ele disse: “Ô, agora daqui pro fim da semana cê vá à Brasília, viu?” Ele disse: “Uai, eu vou, cês tá mandando, eu vou mesmo.” Ele disse: “Pois é, cê vai que nós vortá aqui nós marca de passar a bala na sua cabeça.” Mas o Laurindo também não baixava, eles tavam: “É, se é que cês tão gastando viagem pra voltar aqui, uai, já tá aqui. Se merece passa a bala hoje.” Ele disse: “Cê cala essa boca.” Eles disse: “Uai, mas se senhor mandou panhar eu lá, pra aqui, eu tinha direito de prestar depoimento, eu num vim aqui só pra escutar.” Ele disse: “Fala mais baixo comigo.” Ele disse: “Ó, eu sei falar, conversar, agora cochichar, eu tô aqui mais mulher pra tá cochichando.” Aí ele: “Cê é bem carudo, hein?” Disse: “Cê num tá vendo que aqui é a polícia, não?”, ele disse: “Não, eu tô enxergando, eu num sou cego. Eu sei que é polícia mas meu direito de falar, eu tenho, então né?”. Aí eles, eles foi embora, aí antes, naquela semana mesmo eles voltaro pra Brasília. Quando eles voltou, voltou com outro documento já lá de Brasília. E esse documento tava dizendo, se um tomasse, ia ser enquadrado, e aí foi aonde esse coronel foi a baixo, tomaram a posse dele, num foi coronel mais desse dia.

INTERLOCUTOR: O senhor lembra que coronel que era esse?

VALDEMAR: O nome dele era coronel Atívio de Mangue, aqui da cidade de Mangue.

INTERLOCUTOR: Atívio, uhum.

VALDEMAR: E aí ele vinha mais os fazendeiro. Aí eles foi e viajou, aí nessa luta ficou 20 anos. E o Rodrigo preseguido e todos índio que botava a cara, inclusive ali, dentro de casa tem uma foto do pai dele ali, que foi assassinado nessa luta também, e em 87, em 87 ele foi assassinado dentro da casa dele. Foi uma invasão muito feia porque o cara arrebentar as porta é papel de bandido, quebraro as porta da casa dele lá, assassinou ele. O cunhado dele e mais outro índio que tava lá, tudo foi assassinado. E aí essa luta continuou, mas deu uma meia paradeira, de 88 pra cá, que aconteceu isso, começaro a conhecer que, que nós havia com algum direito. E mas até hoje nós ainda tem discriminação, porque as proposta num é muito boa com a gente. Eles até falam que se devorar os cabeça, que a guerra acaba, mas é não, eu acho que ela faz crescer. É porque isso é herança de pai pra filho, de avô pros neto, vai morrendo uns e outros chegando, essa luta, e num vai acabar tão cedo. E mas e antes disso, de 88... de 69, começaro a invadição no terreno, e antes disso já tinha outras invasão no tempo que nós num tinha conhecimento. E aliás nós vivia aqui, o povo muitos nem sabia, nós já sofria invasão. Inclusive, aquele morro abaixo Itacarambi, que hoje falam morro Itacarambi, o nome dele antigamente era morro do curral de vaca, porque lá tinha uma lagoa, os índios saía daqui e ia ficar lá 15 dias pescando, trazia eles pra cá. Aí aconteceu que o fazendeiro fez um curral lá e os índio foi lá e queimou. Isso deu errado, tem índio que sumiu e até hoje não voltou mais. O que eles bateu ni índio... inclusive um era pai desse Laurindo velho que tem ali no (trecho incompreensível), chamava Agostinho, Salomé saiu os dois pra procurar direito lá no Rio de Janeiro, ninguém voltou mais, nem notícia até hoje, ninguém sabe se arrumou outro lugar ele ficou, ou ficou com medo de voltar, de eles pegar outra vez. Uma vez pegou na estrada, prendeu, matou, isso ninguém sabe, porque naquele tempo, é como digo ninguém existia documento, saía de qualquer jeito porque depois disso o meu avô que era o Gerônimo, ele, ele tomou conta, que nesse tempo num falava cacique não, era chefe de caboclo. Que nós tinha o nome caboclo. Era caboclo, era até aí gamela, cachimbo de pau, tapui, bugui, era nome que eles tratava nós.

INTERLOCUTOR: Quem que tratava assim?

VALDEMAR: Os branco. É, quando via eu passando ali: “E vem um tapui.” “Olha um bugui passando ali.” Então nós tinha certa discriminação em cima de nós, aí, aí meu avô tomou de conta. Mas, cê (trecho incompreensível) meu avô era chefe dos caboclo, arrumou um advogado por aí que era um, um tal de Marisboa, que esses combatiam a metade do (trecho incompreensível). Quando o trem tava quente, ele ia lá no tercião, aí

gelava um pouco, aí, aí um dia eles veio, pegou ele pra prender, mas levou até Itacarambi, chegou em Itacarambi, eles falou: “Vamo levar ele preso.” Ele disse: “Não, cês me leva até ele lá no Marisboa, lá nós conversa.” Ele sortou ele, deixou chegar lá, aí ele voltou. Mas nesse tempo meu avô tocava essa demanda também, nem registro de nascimento tinha. Então hoje, muitas vezes eles diga: “Ah, índio quer trocar demanda.”, tem desse, nem documento tem, mas num era viável, índio era do campo, natureza, num tinha documento. Agora hoje tem porque dentro do reconhecimento ele tem várias participação que ele é obrigado a participar, mas naquele tempo num tinha. E aí a gente sofreu isso. Ó, a discriminação era tanta que uma vez tinha um homem aqui no riachinho com, com terra na folia de reis, cantando reis, aí o delegado chegou e entrou e disse “Quem é o chefe desse reis aí?”, disse: “É aquele lá.” Falou; “Ó, companheiro, cês tira esse reis daqui pra lá, mais pra frente, amanhã eu venho aqui prender.” Acabou na hora, tudo era de abuso pra ele, o que fazia. Muitas coisa, tradição nós perdeu, obrigado, porque se usasse, apanhava e era morto.

INTERLOCUTOR: Quem que fazia isso, seu VALDEMAR? Quem que, quem que batia, quem que impedia?

VALDEMAR: A polícia.

INTERLOCUTOR: A polícia?

VALDEMAR: É a justiça tinha raiva, era tudo...

INTERLOCUTOR: A Polícia Civil, mesmo? O senhor lembra?

VALDEMAR: Uhn?

INTERLOCUTOR: Que polícia que era essa?

VALDEMAR: É a militar entrava aí, de um lado e do outro, e batia, levava preso. Uma vez mesmo fui ver aqui no riachão, bateu numas pessoa, teve de sair uns, nem sei se é vivo, morava em Monte Rei, né? Quando saiu daí, de Riachão. Eles bateu neles. Aí, e a justiça só vinha a favor deles, dentro dessa luta que finado Rodrigo, a polícia só vinha a favor dos grande, a favor nosso num vinha. Às vezes nós topava eles aí, fazia acampamento, mas tudo a favor deles. Era difícil, viu.

INTERLOCUTOR: Fazia, a polícia fazia acampamento?

VALDEMAR: Sim. Não, a Polícia Federal não vinha não, mas a Ci..., essa Militar, essa era a que mais andava aqui, que era o estacamento Itacarambi, Vermão, e vinha e era contra ele. Mas depois do conhecimento que o assassinado o pai dele ali, ele mudou. Porque parece que eles entendeu que tinha justiça ao lado do índio, e agora começaro a respeitar. Cabou a perseguição que eles tinha, mais, porque hoje a Polícia Militar vem

aqui quando a gente chama. É, mas se a gente não chamar eles também, eles vem e respeita também um bocado desses critérios da gente. E nesse tempo não, entrava e fazia e acontecia. Então era um desrespeito com a gente. Então é, e até hoje tem um problema, es fala, ainda fala que índio num é capaz, é incapaz, e não administra nada. Diz que num tem capacidade, mas eu acho que tinha. O índio tinha capacidade, fartava era oportunidade porque num tinha, mas se tivesse ele também era capaz de administrar qualquer coisa, porque se nas outras nação administra, acho que tem o direito também. Agora, recente, eu tive em Brasília, de 24 a 28, eu falei, naquele acampamento eu falei pra ele lá, eu disse: “Eu achava que no meu pensar, podia demarcar terra, pedacinho de terra, pro branco, não pra nós. Que nós somos dono dela.” Então é isso que tinha que chegar, e nós autorizar demarcar um pedaço da gente, e não eles querer demarcar pra nós. A falei lá no meio deles, e disse; “Ah, eu acho, acho que o Brasil, a justiça que tem, ela tá ficando cega e aleijada. Porque nós recebemos lá muito, foi recebido muito mal. Bomba de gás, spray de pimenta, virou um bafafá. Um dia nós foi no senado, num deixaram nós entrar, arrudiu de polícia, nós num entremo, mas também não agressemos deles. Aí quando foi, passou um dia, no outro nós foi e aí eles maneirou mais. Eles maneirou mais e nós já teve oportunidade de entregar documento no Ministério da Saúde, no Ministério da Educação, entreguemos documento pra, pra o senado, pedindo: “Demarcação já - Marco temporal.” Mas eles num agiro, e porque eu acho lá tá assim, tinha cinco ano ter demarcado todas terra indígena e nunca foi demarcado, e aí o branco quer só segurar o pé, e aí acha que é, eu falei lá também, de boca arta, eu disse: “Ó, se botar a mão no direito nosso, vai, vai ter guerra, porque nós num vamos abrir mão, não.” Tinha quase 4 mil índio, e tudo lutando por uma coisa só, eu acho que a gente num pode esmorecer não, e tamo muito felizes que nós comecemos carregar um grupo de jovem, e tá, tá evoluindo muito pra nós. Porque nós num sabe o dia de amanhã, nós tamo vivo hoje, amanhã num tamo, então eles têm que aprender a lutar. Porque às vezes a gente nessa idade luta num é por a gente, é vendo os pequeno, é filho, é net, os pequeno que tá aí, os que vai nascer. Nós já recebeu pergunta assim: “Se demarcar a terra procês, cês vai parar com isso?”. Não, não pode dizer que vai, porque nós sabe do reendimento dos índio, eles pode continuar lutando pra querer mais, mais direito deles, porque às vezes a terra num cabe eles, porque às vezes fala: “O índio tem muita terra.”, mas se for olhar o terreno, tem lugar que num serve, só serve pra nós preservar, nós num vamos desmatar ele, num tem... num vamos fazer uma morada lá porque a dificuldade de água e luz,

(trecho incompreensível). Nós tem que, nós tem que lutar muito, segurar o que tem. Porque né? (trecho incompreensível) cultura, a cultura nós num pode perder ela.

INTERLOCUTOR: Senhor VALDEMAR, (trecho incompreensível).

VALDEMAR: Ô Tico, Tico. Fala pra sua mãe que aqui tem um homem vendendo carne de porco. Pode ser de fora que eu (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Senhor VALDEMAR, o senhor lembra alguma coisa sobre a Rural Minas?

VALDEMAR: Lembro.

INTERLOCUTOR: É?

VALDEMAR: Lembro.

INTERLOCUTOR: O quê que ela, como é que ela trabalhou aqui na área? Quê que ela fazia?

VALDEMAR: Ó, na época, foi assim, quando nós tava assim, em 69, a Rural Minas chegou um engenheiro chamado Calais, e tinha um carro, então ele meteu picada, passava aqui no canto de casa, e começava a beira de riacho, as picada, plantei o que quis, eles metia foice e cortava tudo. E aí já dizia assim: “Olha a Rural Minas, pagando a taxa de ocupação e a medição, a Rural Minas espera prazo de até de 4 anos, pagar a terra.” Agora naquela época a gente num tinha, num tinha nem tem o poder, o quê que eles fazia, aqueles fazendeiro chegava, fazia uma taxa de ocupação e botava um bocado de hectare aqui de terra naquele documento, ali podia ter quem tivesse dentro, naquele dia era agregado, eles tinha que sair.

INTERLOCUTOR: E ela dava o documento que eles...

VALDEMAR: Dava, dava, e ainda deu documento falso aqui dentro da terra. Aqui Jacintinha aqui nas Traíra tinha, título de terra, Joaquim Mota, nas Vais tinha, Paulo Roque nas coruja, tinha. Aí quando a FUNAI veio que eles apresentou a terra deles era documentada, a FUNAI foi e falou: “Olha, esse documento aqui ele é particular.” Isso porque a FUNAI dentro dessa terra não conhece escritura nenhuma, uma fazenda só, não tem baixa desses pedaços, entendeu? Inclusiva aqui a Traíra foi medido, foi medido e no tempo que eles mediu ela, ficou como era uma terra devoluta, escriturada, mas particular. Aí dessa vez da Rural Minas foi que invadiu, tava vendo ali a sede, a sede foi comprada de um fazendeiro, irmão Rusaro.

INTERLOCUTOR: Irmão Rosário?

VALDEMAR: Sim, chamado irmão Rusaro. Aí ele, ele comprou dali no Sapé, era tudo dele. Aí a FUNAI já che... a FUNAI já chegou, já ocupou a casa que era dele ali. Que é ali

onde é de Raimundinho hoje, ali era casa do irmão Rusaro. E aí eles também quando eles tomou a casa, ele sumiu e num pisou aqui mais, mas teve uma invasora que era o Juca Santo, e o Djalma, era os empresário, e esses invadiu mesmo, e era valente. Os bichos era, era valente.

INTERLOCUTOR: Esse Djalma é Versianni, o senhor lembra?

VALDEMAR: Anh?

INTERLOCUTOR: O Djalma, o senhor lembra se é Versianni esse Djalma?

VALDEMAR: Uai, esse Djalma era ali de Montes Claros.

INTERLOCUTOR: É?

VALDEMAR: Ele era irmão do Juca Santo, mas não era de pai e mãe não, era só parte de pai. Aí ele era empresário que ele tinha até avião. Aí inclusive ele entrou com a polícia aí um dia e fez um bafafá danado e eu tava na sede, deram uns três tiro ni mim, mas não pegou nada neu.

INTERLOCUTOR: Deram tiro no senhor?

VALDEMAR: Deu.

INTERLOCUTOR: O Djalma mesmo?

VALDEMAR: É, a turma dele. Ele entrou com dois carros, estacionamento de polícia, e aí ele deu os tiro, eles queria que eu jogasse a arma que eu tava com ela no chão, eu num joguei, meteu bala. Aí eu entrei na mata, na beira do riacho, de lá eu fiquei olhando, né? Aí eles foro pra casa de finado Rodrigo, finado Rodrigo tava dormindo. Tinha morrido um tio dele, ele à noite tava no velório. Aí quando ele saiu ali na porta ele já tava com uma arma nele, aí eu saí, ele pediu paz.

INTERLOCUTOR: O cacique Rodrigo?

VALDEMAR: Sim.

INTERLOCUTOR: Né?

VALDEMAR: É. Aí eles saiu, aí eles ficou uns 3 dias querendo, caçando eu, mas eles num tinha um nome, e nem me conhecia a pessoa. Aí um dia o finado Rodrigo mandou dizer eu, que eu sou, não dormisse em casa, não, todo dia eles tava vindo me procurar. Aí um dia saí, mas não drumi no mato não. Aí no outro dia eu voltei, eu disse: “Ó, eu vou voltar, que dentro da minha casa pro cara me pegar, vai ser difícil.” Quer dizer, num vai pegar nunca. Aí eu voltei, aí também não perseguiu mais. Mas por essa vez com a polícia aí o Djalma quebrou, multaram ele, vendeu até o avião e acabou muito.

INTERLOCUTOR: Mas por quê? Ele não tinha apoio da polícia, não?

VALDEMAR: O Djalma?

INTERLOCUTOR: O Djalma.

VALDEMAR: Tinha mas os cara multou foi ele porque trouxe a polícia pra dentro da reserva.

INTERLOCUTOR: Sim.

VALDEMAR: Aí quebrou a fazenda dele, daí ele perdeu a causa.

INTERLOCUTOR: Era fazenda de gado? Ou...

VALDEMAR: Era, tinha gado que o povo num podia nem andar, criança não podia andar. Dava a tardinha tampava o poeira. Só ele, ele cercou 26 família de gente sem vender pra ele, através do documento da Rural Minas. E aí esse trem rendeu.

INTERLOCUTOR: E o outro, o Juca que o senhor comentou?

VALDEMAR: O Juca? O Juca ficou aí bestando, depois, quando ele perdeu a terra, ele ficou bestando, aí depois morreu de acidente.

INTERLOCUTOR: É mesmo?

VALDEMAR: O carro bateu, matou ele. Mas o Juca era, o Juca também era fazendeiro, ficou nada, acabou tudo. Mas aí o trem foi feio. Depois passou pum Martinzão, que era arrupiado também. Martinzão zoava muito depois. Martinzão pegou uma picada daqui, de uma nascente cortou aí nesse morro, ligava lá no Custódio, era tudo dele.

INTERLOCUTOR: E o Calais, que o senhor comentou.. Manuel Calais, ele tinha proximidade com esses fazendeiros?

VALDEMAR: Tinha.

INTERLOCUTOR: É?

VALDEMAR: Tinha, tinha. Foi ele que perseguiu mais o finado Rodrigo.

INTERLOCUTOR: É mesmo?

VALDEMAR: É, que ele que fazia as denúncia que diziam que o finado Rodrigo tava contra a lei. Ele tava com a Rural Minas, e finado Rodrigo tava contra a lei de tá indo lá em Brasília, que eles ia caçar meio de prender ele pra ele não ir lá mais. Mas é, eles zoou demais aí, nesse trem. E a discriminação era muita. Eles falava que caboclo não tinha terra não. A terra era de quem pudesse pagar taxa de ocupação (trecho incompreensível). E um bocado foi medido.

INTERLOCUTOR: Xakriabá, mesmo?

VALDEMAR: Sim, dentro da terra.

INTERLOCUTOR: É?

VALDEMAR: Foi medido um bocado, naquela época aqueles eles podia mais, começou entusiasma, aí foi obrigado um bocado ficar no nome do posseiro, e foi obrigado sair na,

na, na invasão que teve do pai dele, aí agora, chegou era nome de posseiro foi tudo pra fora. Quer dizer, esse Itacarambi tem um bocado que era daqui. Disse que era, que era posseiro, fazendeiro, saiu. E a coisa mais complicada é cê demandar pelum direito, e ter ainda envolvido, é meio complicado pra gente. Porque nós mesmo passamo por isso, e, e até hoje, acho que em vista que em todo lugar. Porque nessa época, finado Rosa, pai dela, foi assassinado com um grupo de pessoa que, que era índio, e ia ganhando dinheiro do, do invasores. Naquela época se cada um ganhava 60... 60 conto, era, num tinha esse dinheiro de hoje, era conto, pra vir. E mais chato foi um índio que veio sabia da casa dele, foi o Gui. Aí de cá, mas a culpa condena que Deus cobra no lugar certo. Ele veio trazer eles e acabou ele ficou lá também. Os mesmos assassino atirou nele, pensando que era a gente (trecho incompreensível) matou ele também.

INTERLOCUTOR: Esse quem era, seu VALDEMAR?

VALDEMAR: O que morreu?

INTERLOCUTOR: É.

VALDEMAR: Agenor.

INTERLOCUTOR: Foi o Agenor?

VALDEMAR: É. Ele era ali da barra, mas ele saiu dizendo que era posseiro. Até no Itacarambi lá ele veio trazer os caras na carta de natal, acabou deu de só serrar levar desvantagem. Aí um mês ficou morto lá. Que ele adiantou que era conhecido e foi sair na porta, dizendo que era a Polícia Federal, os cara plantou fogo nele. Ai ai... a culpa condena, e é, vamo dizer, quando pensa em fazer o mal, Deus é maior. E aí entre por esse meio nós tem essa luta, e enquanto for vivo a gente vai lutar. Que eu penso assim, que às vezes a pessoa diz: “Ah não adianta ficar com essa contenta, mas precisa sim, que nós tem que sentir e dói de nós, porque mais difícil foi a pessoa pegar a vida dele e dar por um território desses, que na época tinha uns 4 mil e 500 índios, hoje tem 11 mil, então ele deu a vida pra defender a terra pra esse povo. E tem que saber que onde o sangue dele derramou, foi esse tanto que nasceu, a semente brotou. Morreu um, mas hoje tem 11 mil vindo, e a gente tem que saber que com uma grande força.

INTERLOCUTOR: Não entendo, o senhor assim, por quê que o senhor acha que os Xakriabá começaram a não se reconhecer? Entrar na luta como posseiros?

VALDEMAR: Moça, aquilo era entusiasmo, porque o fazendeiro chegava na casa deles, quando o cara é fraco de ideia, o fazendeiro chegava e falava pra ele e falava: “Ó, se cê num vender pra mim, cê vai sair.” E aí o outro tinha um poderzim, dizia: “Ó, se ocê num entrar, num fazer essa, essa taxa de ocupação, pagar a medição, cê vai perder sua

terra.” Aí os cara ia naquela, ia naquela. E eles falava também que índio não tinha classe, índio era classe baixa. Aí quando FUNAI veio fazer o levantamento de índio e não índio, o quê que eles disse: “Ó, quem assina pro índio é pessoa de segunda classe. Num vale nada. O papel do posseiro é mais.” E aí foi onde eles entrou, porque às vezes, é como eu digo, dinheiro ninguém véve sem ele, mas também se num souber usar, é inimigo. É preseguido de tudo que num presta, traga prejuízo pra pessoa. Então é uma luta que a gente tem que viver firme, né?

INTERLOCUTOR: E o senhor lembra de outros tipos de pressão, de violência assim, que esses fazendeiros faziam? Além de procurar na casa?

VALDEMAR: Fazia, vixe...

INTERLOCUTOR: É?

VALDEMAR: (trecho incompreensível) que aconteceu um dia um fazendeiro no Sapé, ele, no Sapé tá provado que o pai dele aí, esse mesmo, esse mesmo índio que morreu nesse ataque lá um dia, assassinou ele, ele deu um tiro no pai dele lá no Sapé, mas quando ele atirou o pai dele caiu no chão, e o tiro passou por cima. E aí tinha, tem um índio, tem um índio ali no brejo que é o Tonim, o Tonim achou que quando o finado Rosa caiu, achou que ele tava atirado. Aí Tonim bateu a mão na cintura, quando bateu a mão na cintura, o Agenor, esse mesmo Agenor que morreu, atirou no braço dele. Então era assim, o índio no meio deles também fazia (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Sim.

VALDEMAR: Aí, ó, depois os fazendeiro contratou pistoleiro pra perseguir índio, quer dizer, um dia contratou uns cara valente, era um trouxão de fora que era o Pedro Buchó, e o Alfredão, calçado com uma botona, chapeuzão, revólver dentro da bota, esse era o invasor, era pago pra correr com índio das casa. Aí o Pedro Bugio, quando chegou falou: “Ah, eu uma coisa que eu aprendi foi matar gente.” Disse: “Ocês pode confiar ni mim, se índio atirar ni mim, a bala eu seguro na mão. Que (trecho incompreensível) morre na mão.” E aí ficou com essa influência aí, ganhava só pra andar armado. Mas foi chegando num ponto que os índio foi aguentando até um dia que perdeu a paciência, aí juntaram nele, desarmou ele, bateu nele, cortou um pedaço da orelha, aí foi como ele saiu num vortou mais. E aí o patrão dele, também, os cara deu umas puxada nele, também num vortou mais. Foi assim que quando o índio começou a reagir eles (trecho incompreensível), mas, mas eles ganhava dinheiro pra isso, pra atacar. Aí esse Tonim, ele ficou na cadeia por mode desse território, dessa lei. Ele foi preso, Zé Benvindo foi preso, foi preso também, território. E Antônio Zezão, foi preso mode essa luta dessa

terra. Fora os que morreu aí... morreu um índio, Hernani, botaram veneno na pinga e deu ele, ele morreu.

INTERLOCUTOR: E que mortes e desaparecimentos assim, o senhor lembra dessa época? Algum desses da...

VALDEMAR: Tem um aqui a Embaúba que desapareceu, esse nem, nem caveira ninguém nunca achou.

INTERLOCUTOR: Quem que é esse o senhor tá falando?

VALDEMAR: É o Lucílio.

INTERLOCUTOR: Lucílio?

VALDEMAR: É. Esse (trecho incompreensível) é irmão do Robertão.

INTERLOCUTOR: Como é que foi que ele desapareceu?

VALDEMAR: Ó, ele era um, era um índio bem puro mesmo que eles tinha raiva porque esse quando parecece, era uma prova. E aí ele era bem puro e simples, e às vezes aqui ele con... ele conversava com eles, e ele falava o que queria, e aí ele desapareceu. E ele era, ele num usarra sapato, era bem tiambuqueiro, subia em riba de, de esse espinho, surucucu, rebaixava tudo, até no chão. Esse homem desapareceu, caçaram até, agora ninguém sabe se carregaram, ou se destruiu aí, fez alguma coisa. Até hoje ninguém tem dica aonde foi.

INTERLOCUTOR: Numa, numa reportagem do SIME, antiga, eles falam da morte do José Pereira Lopes, pelo Alfredão.

VALDEMAR: É, foi o Alfredão mais os filho.

INTERLOCUTOR: Deixa eu ver, então... O senhor lembra dele?

VALDEMAR: Lembro, o Zé eu conhecia.

INTERLOCUTOR: É?

VALDEMAR: Conhecia.

INTERLOCUTOR: Quê que aconteceu com ele?

VALDEMAR: Ó, eles, eles foram pruma festa lá na Pindaíba, e chegou na festa, tava o broco deles que era os pistoleiro. E aí que começaram lá insultar e aí lá começaram a brigar, Alfredão atirou no tio, no tio dele aqui, e era...

INTERLOCUTOR: O mesmo que morreu na chacina.

VALDEMAR: É, que morreu dessa vez, foi.

INTERLOCUTOR: Manuel, Seu Manuel, né?

INTERLOCUTOR: Foi (trecho incompreensível).

VALDEMAR: Foi. Porque o Manuel era afilhado de Alfredão, aí quando Alfredão, eles mataram o Zezão, Alfredão deu uns tiros nele de Zé Benvino, num conseguiu matar e Zé Benvino num sei que jeito deu, furou a coluna dele, ficou no chão, que nem cobra jogando bola. Manelim, era afilhado dele, falou assim: “Oh, menino, esse é meu padrim, quem fez isso?”, ele disse: “Aaah! É meu afilhado, mas do jeito que eu tô aqui afilhado pode ir pro inferno.” Plantou fogo nele também, mas dessa vez o Zé não morreu, foi morrer quando assassinaram o pai dele. Mas aí teve a morte depois, teve aqui no riacho do brejo tinha a fazenda do Aécio, que zoaram também, aí Tonim, quando saiu da cadeia, lá no dia dele sair, o povo perguntou ele: “Tonim, você brigou por a terra e você tem coragem mesmo?”, disse: “Tenho, eu sei que ela é nossa.” Disse: “Se você sair daqui você tem coragem de chegar numa fazenda desses fazendeiro, entrar e botar ele pra fora, e você entrar pra fazenda?”, ele disse: “Tenho.” “E qual é a fazenda que você prefira?” “É a fazenda de Aécio no Riacho do Brejo.” “Pois é, Tonim, você hoje vai embora, mas nós queremos saber da notícia que você fez vir.” Reuniu um povo chegou lá, botou o vaqueiro pra fora, botou as coisas dele, e entrou dentro da casa, tá até hoje, botou ele pra fora. Então, foi assim. Mas é, a gente sofreu demais. Aqui, é, meu pai morava ali, aí o fazendeiro, o fazendeiro veio com a picada de lá do furado Jurema, passou ali, subiu esse morro, foi pro lugar que tem aqui que chama posto, e aí o veio do endaieiro: “Ó, o senhor me venda essa parte aqui.” Ele disse: “Eu não vendo não, que se eu vender pra onde eu vou (trecho incompreensível)?”, disse: “Não, o senhor vende e pode ficar aí, morando.” Ele disse: “Ó, se for pra eu ficar morando dentro do cerco do fazendeiro mas antes você, você me matar logo.”, aí foi ver eles respeitou, fez essa picada lá, fez outra dali, subiu esse morro, isso, aquilo, eles respeitou, não mexeu com ele não.

INTERLOCUTOR: Por conta de resistência do pai do senhor?

VALDEMAR: É. É. (trecho incompreensível) que saía, não. E se fosse pra morar em terra de fazendeiro, ele preferia ser morto.

INTERLOCUTOR: Mas tinha Xakriabá que acabou trabalhando pros fazendeiros, nas fazendas?

VALDEMAR: Não, o trabalhava, então, trabalhava muitas vezes, como um dia, o cara lá do Sapé, um tal Gongá, chegou no Sapé, mandou dizer à gente, quem quisesse pegar uma empresa fosse na mão dele que ele ia abrir um serviço plano do Sapé, uma derruba de roça. Aí o finado Rodrigues achou que era desaforo e o pai dele ali mesmo, aí deu o recadinho assim, mais cedo que uma hora dessa, quando foi no outro dia, lá na sede tinha 140 homi, aí saíram. Quando saiu no Sapé já tinha uns 240, aí foram pra pegar a

empreita dele. Aí nós achemo ele nós tava no barreiro. Nós chegamo no barreiro ele viu ele lá, trevoada dentro, correu, largou até o carro. Aí o finado Rodrigo disse: “Eu queria conversar com o homi desses aqui veio tudo pegar empreita não mão dele, isso aqui é trabalhador que eu truce pra ele.”, também esse num vortou mais nunca, na carrera que ele foi, mandou a polícia vim, parou o carro, aí (trecho incompreensível). Negócio não era fácil não, a gente passava por muito sufoco. Proquê que nós tamo aqui hoje distante do rio do São Francisco, e ali atraíro, Peruaçu, que hoje é Várzea Grande, Caraíba, porque os rio mais forte que nós considerava, é esse aqui e Peruaçu. E Peruaçu hoje secou, tem uma água, uma parte pra cima e pra baixo, secou. E aí, mas quando o fazendeiro ia tomando conta devido às proposta ruim com nós, o quê que nós ia fazer? Ia recuando com a poeira do morro. Que ali a cidade de Missões é a morada do, dos índio, mas quando foro tomando, eles foro recuando pra cá. Aí hoje nós tamo nesse deserto, por mode a falta d’água, né? Aqui mesmo as nascentes secou tudo. Então hoje nós aqui usa uma água de outra comunidade aqui, que o riachinho, vem de lá. Uns 6 quilômetro daqui lá. Então é, é muito difícil, e nós espera que nós vamo chegar, se a gente não chegar dessa idade ao meno os novo chegar lá no rio São Francisco. Porque tomém tá enfraqueando, nós não sabe o dia de amanhã como é que ele tá Cada dia é um dia, um dia secar também e nós ficar por essa.

INTERLOCUTOR: Seu VALDEMAR, como é que foi que o cacique Rodrigão teve a ideia assim, de começar a ir pra Brasília? Como é que foi antes dele procurar o direito?

VALDEMAR: O começo da, da luta do Rodrigão começando saiu um menino novo, saiu pra São Paulo. São Paulo ele foi parar em Paraná, aí lá por ideia dele, diz que tinha uma influência de ir pro exército, e aconteceu que acho que era o sonho dele. Aí ele foi servir o exército. Aí serviu o exército quando ele saiu, ele num fez nada, foi só (trecho incompreensível) ele procurou pra cá, mas, mas pelo menos pegou um conhecimento porque quando ele viu o povo entrando aí na terra, ele disse: “Ó, eu se, se os índio reunir e fazer arrecadação aí, eu tenho coragem de ir em Brasília e ver se inxiste esse direito.” É o que ele fez.

INTERLOCUTOR: E ele foi sozinho?

VALDEMAR: Foi sozinho, a primeira vez, foi só. Agora ele saiu, porque as presequição era muita, ele saiu aqui, tem um lugar que chama Sapo, ele pegou um caminhão, pegou em Moltavona, pegou o ônibus, foi sair lá em Formosa, Formosa saiu em Brasília, aí ele chegou lá. Quando ele chegou lá ele disse que, ele me contou um causo que perguntou um guarda onde é que tinha departamento de índio, o guarda falou: “Ó, meu amigo, aqui

nós num temo a ordem de estar ensinando ninguém, cada um anda com as suas perna.”, falou pra ele assim. Aí ele disse que foi andando, e aí quando ele viu, tava, tava escrito: Departamento de Assuntos Indígenas, falava assim: Ministério do Interior, Fundação Nacional do índio. Aí ele olhou, aí ele chegou na porta, procurou o guarda se podia entrar lá, “Cê é índio?” “Sou.” “Então pode entrar.” Aí ele entrou. Quando ele chegou na secretaria e procurou o cara da secretaria, se inexistia direito indígena ainda, ele disse: “Inxiste, inxiste sim.” Aí ele já cismado que aqui um bocado com o aperto de fazendeiro, tava vendendo os direito pros fazendeiro. Aí ele perguntou: “E se o índio pegar a terra e vender pro fazendeiro ainda inxiste direito?”. O cara foi e respondeu ele: “Não, se, se os índio vender e ficar, cinco e revoltar, nós aceita o negócio. Negócio de índio é negócio de criança, ninguém apoia, não. Se tiver cinco que der a terra, cê toma a terra de novo.” Aí a força que nós tinha nem (trecho incompreensível) que nós vendeu, nessas vinte e seis família que cercava ali no Imbaúba, tinha vez que chorava, queixava pra gente, acho que vai resultar a gente sair daqui, e pra onde a gente vai? Aí um dia eu falei pra eles: “Não, num esquentá não, cês vai ver esses fazendeiro vai vim, vai vim, a luta de índio é assim, eles vai vindo até um dia que eles vai afastando cinco dias, dez, quinze e vinte até ocês vai ver isso aqui limpo, ainda.” Aí a pessoa falou pra mim, a pessoa ainda tá viva até hoje, falou pra mim: “Ah, eu num acredito, não.” Eu disse: “Pois pode acreditar, cês vai ficar sossegado.”, e Deus ajudou, que essa pessoa tá no mesmo lugar. A gente não pode trabalhar sem fé não, tem que ter fé na luta e que a gente tem.

INTERLOCUTOR: E aí quando o cacique Rodrigo descobriu que tinha direito de índio o que ele fez?

VALDEMAR: Isso aí agora, de lá ele já veio com a carta lá da FUNAI. E aí chegou quando ele correu a notícia dessa carta, o Calais intimou ele no Itacarambi. Aí ele foi, aí um bocado: “Rodrigo, num é bom ocê ir, não, que eles vai prender ocê.” Ele disse: “Não, mas eu vou. A natureza tá pedindo pra, pra ir atender essa intimação.” Aí ele trouxe a carta, e trouxe uma pro cartório de Itacarambi, o escrivão de Itacarambi que era Chico Pacheco, ele disse: “Ó, o cartório lá vai ser obrigado dar conta do documento nesse território seu.” Que a terra aqui já tinha sido doada, demarcada, é uma, é antigo, em 1728 que ela foi demarcada limitando o rio de Peruaçu, e esse rio foi traído. Aí, aí ele veio com a carta, chegou lá e apresentou pro escrivão, o escrivão “Não, eu tô pra ajudar.” Ele pegou, fez um, um documento defendendo esses pedaços que já tava escriturado, aí, aí o finado Rodrigo foi, aí ele cobrou naquele tempo 150, 150 pra fazer esse documento, aí o finado Rodrigo combinou com ele: “Ó, eu pago 50, e ficano os 100 pra eu pagar quando

vier o resultado.”, ele disse: “Tá bom.”, Aí o quê que resultou, ele perdeu sim, porque diminuiu a terra. Aí quando chegou lá no, em Brasília, já tinha um homem tinha rastreado em Ouro Preto, viu o documento não era dele. Aí já foi falou assim: “Ó, esse documento aqui não consta com o que eu vi em Ouro Preto, não. Aqui tá faltando terra.” Aí foi em Ouro Preto e pegou o outro. Aí esse que ele fez foi perdido, não teve direito a pagar cem. Aí ele já não pagou esses cem e aí lá quando, quando ele chamou o finado Rodrigo nessa audiência, que ele mostrou a carta lá de Brasília aí eles esmoreceu, aí eles não, não agradecerem muito não.

INTERLOCUTOR: Não?

VALDEMAR: Não, porque aí eles achou que ele tinha ido né? Tinha deles caçoava, quando via ele num lugar, um dia mesmo eu tava almoçando ele chegou a cavalo, amarrou o cavalo lá, só vi os cara correndo, cochichando: “Ó, esse aí que é o Rodrigo, diz que foi na Brasília.”, os cara: “Ah, esse aí é?”. Que eles, eles duvidada que ele num tinha ido, falaro que ele num tinha capacidade de ir lá.

INTERLOCUTOR: Mas nessa época, a FUNAI ainda não reconhecia, né?

VALDEMAR: Não.

INTERLOCUTOR: Que os Xakriabás eram indígenas?

VALDEMAR: Não, não.

INTERLOCUTOR: E como é que foi assim, pra ser reconhecido?

VALDEMAR: Pra ser reconhecido o Rodrigo continuou viajando, quando ele agradava ele, ele ia. Aí até uma vez vieram disse pra prender ele, aí um tal coronel Montenegro mandou a polícia lá no barreiro, ele morava lá, pra panhar ele. Ele tava torrando uma farinha, na oficina de farinha, aí ele chegou e disse que era pra levar ele. Ele disse “Ó, cês espera aí que eu vou pegar o cavalo porque até a polícia foi a cavalo.” Aí pegaro o cavalo, ele saiu de noite, dessa hora, eles espero, até desespero, voltou. Aí o coronel falou “Ah, eu esqueci de ensinar ocês como é que era pra pegar ele. Ele nem indiquei ocês, diz que ele é acostumado a dá trosa né nego aí. E era pra pegar ele e trazer.” Aí ele disse: “Ó ele disse que ia pegar um cavalo e sumiu e num apareceu mais.” Aí ele viajou, aí ele ficou 20 dia, com 20 dia não voltou, aí os cara já tava falando: “O Rodrigo saiu mas foi, foi preso.”, mas ele num foi. Depois teve outra agressão e ele saiu, aí agora ficou 3 mês, quando ele veio já veio com o chefe de posse, e veio com um cara barbudo.

INTERLOCUTOR: Quem que era esse barbudo?

VALDEMAR: É Inácio.

INTERLOCUTOR: Inácio?

VALDEMAR: É.

INTERLOCUTOR: Mas era da FUNAI também?

VALDEMAR: Era da FUNAI também. Era um cara arrupiado, ele botou os cara pra maciar nesse tempo. A hora que os cara via esse homem barbudo todo mundo já saía fora. Teve um grande respeito com ele.

INTERLOCUTOR: É?

VALDEMAR: É. Aí amontou já, chefe de posto e esse Inácio, o bicho era bravo que só ele. Hoje, hoje os chefe vem aí, teve um diálogo de trabalhar. O Inácio um dia numa festa ele colava no é de bebida assim, aí o cara tava bebendo ele foi falar com o cara, o cara já saiu correndo, e tinha um toco de aruera desse tamanho, a lua bonita, do jeitio que o cara foi, quando ele deu por fé já tava em riba do toco, pulou ele atirou no toco. Outro dia, teve um (trecho incompreensível) na casa de pai, os cara tava vendendo pinga bem ali no mato ele veio, botou os cara pra ir embora na hora e nós cortou aqui um pedaço até lá, cortou pra ir embora. Aí quando foi um dia, ele tava na festa em Sumbaré, o cara com uma carga de pinga, quatro lata de pinga num, num umbu, vendendo, ele pegou, prendeu a pinga, prendeu o cara e ia levar, e o cara disse: “Ai ai ai, dor de barriga, xô ir ali.”, (trecho incompreensível) “Vai!” O cara entrou de trás da moita e meteu o pé na carreira. Aí ele tinha um homem lá na várzea que era índio, disse: “Sô Inácio, deixa o homem no mato que ele tá com a barriga doendo.” “Então vai, mas volta agora!” Aí o homem entrou no mato e correu, quando ele esperou que o homem não apareceu disse “Mas ocê tava me iludindo, seu sem vergonha, pois agora eu levo ocê.” Aí ele: “Não, Sô Inácio, deixa disso eu vou atrás do...”, o homem chamava Benetido, “Eu vou atrás dele agora. “Então, vai senão eu levo ocê.” Aí o homem saiu pro mato gritando: “Benedito, cadê ocê Benedito? Benedito.”, e ele nem respondia. “Uh, (trecho incompreensível), Benedito.” Uh, ele nem respondia. A hora que ele parou ele lá, meteu o pé na carrera, “Fica aí miserável.”, nem Benedito nem Tarsílio, ele correu (trecho incompreensível). Mas o trem era feio.

INTERLOCUTOR: Mas com a presença da FUNAI aqui, as coisas, a violência diminuiu, ficou igual, o quê que o senhor acha? Nesse começo da...

VALDEMAR: No começo melhorou, né?

INTERLOCUTOR: É?

VALDEMAR: É. No começo ficou bem mais melhor, hoje, foi até que os cara pegou um conhecimento, sempre tem um pobrema, porque os pobrema daqui mesmo como a gente sabe, o cacique sabe, pobrema mais é a bebida, e hoje é outros tipo de trem que tá solto

no mundo, e muitas vez entra pra dentro da reversa, isso traga pobrema demais. Mas se num fosse isso, melhorou bem.

INTERLOCUTOR: Mas lá atrás, a gente achou uma notícia de que em 76 o posto da FUNAI tinha sido invadido por esses fazendeiros também.

VALDEMAR: Foi, foi. Foi essa época que eles entrou lá e atirou.

INTERLOCUTOR: É?

VALDEMAR: Entrou dentro, panhou, panhou arma, cartucho que tinha, porque nesse tempo que eles veio, tinha três cassetete lá, eles panhou tudo.

INTERLOCUTOR: Tinha o quê? Desculpa.

VALDEMAR: Cassetete. Na FUNAI aqui, eles panhou. Agora eles passou batido foi comigo, nessa época eu tava, falar a verdade, eu tava com uma 12, era da FUNAI, né? Agora essa 12, eu tava com ela carregada, 2 cartucho na gibeira, e 10 carregado no meio da casa assim, ficou, es catô tudo, quando foi lá nem os cartucho eles achou. Aí eles tava no pé meu, diz que era pra entregar pra eles era um rifle que eu tava manteno, mas era uma 12, aí eu falei que nem era, eu digo: “Ó ,pega na mão da FUNAI viu? Mas na minha mão num vai pegar não.”, eu disse: “Porque eu não vou entregar, não.” Aí foi essa vez que eles invadiu lá, o posto. O chefe de posto dessa vez era o Célio Rocha, ele tava indo pra Itacarambi, com esse mesmo irmão desse que sumiu, o Robertão, e Avelino que tá ali no Riacho do Brejo, era o vice cacique, tava mais ele. Esse dia ele disse que era pra eu ir mais ele, mas eu não fui que era o velório desse tio do finado Rodrigo, Estevim. Aí eu não fui, aí eles foi pra Itacarambi levou eles dois. Aí esse estacamento que o Djalma trouxe atacou o chefe lá em Itacarambi. Levaram pra delegacia e disse que foi uma agressão que parece que ia ouvir morte, é tanto que agressor tanto que eles mandou chamar o padre, Padre Geraldo, Padre Geraldo Reis foi que apaziguou eles. Mas parece que eles queria matar ele.

INTERLOCUTOR: O Célio Rocha?

VALDEMAR: Sim, aí o homem foi esperto, eles levou ele (trecho incompreensível) Avelino, e Roberto pra, pra delegacia, chegou lá ele fez um pedido a eles: “Ó, faz o que quiser comigo, mas os dois índio aí, cês vai deixar numa porta pra rever o quê que acontece com eles.” Aí eles foro obrigado a deixar, lá eles tava no comando, mas Roberto mais Avelino ficou na porta como quem ele que mandava eles lá, o homem foi esperto. Aí também ele de lá mesmo ele já foi embora e num voltou mais.

INTERLOCUTOR: O Célio Rocha?

VALDEMAR: Sim.

INTERLOCUTOR: Por que que ele foi embora, o senhor sabe dizer?

VALDEMAR: Ele foi embora porque a agressão foi muita, ele achou que eles ia, que eles ia perseguir ele e matar, porque foi tanto que veio um chefe de posto aqui, o Ronaldo, que ele foi corajoso, ele embarçava mais os fazendeiro, ele também andava nesses mato a cavalo armado. E, e topou agressão também, mas quando ele saiu daqui, ele saiu, ele saiu num ano, eles assassinou o finado Rosa no outro. Porque eles tava, eles tava ameaçando ele também. Ameaça que finado Rosa sofria já tava (trecho incompreensível) ele disse que ia apagar ele. E aí a FUNAI mesmo falou com ele, falou: “Ó Ronaldo, cê tem que desistir daí porque eles tão é te, te meaçando, pode acontecer.”, aí ele foi embora. Mas ele foi um homem que trabaiou, mas sem dar chancha pra eles, porque quando eles chegaro nele, conversaro, conversaro, e ficava assuntando, e aonde, aonde dependesse dali ele ia. Mas ele arriscava demais, nesse tempo.

INTERLOCUTOR: E o Célio?

VALDEMAR: O Célio? O Célio também ele era, ele era doidão, ele era doidão que ele se ficasse aí podia ele morrer, ou matar. Ele falava que: “Ó, eu tô pra cumprir o que tá no estatuto do índio, eu peguei um livro e li, era o estatuto, eu vou cumprir ele.”, mas acontece que o estatuto do índio tem ele mesmo, mas nem nós aqui tem hora nós num pode cumprir, porque se a gente for analisar, eu, com o tempo, eu comecei a aprender, também sei, que a pressão, só cunzinha mais feijão. Nem é botando coisa não resolve. Porque aconteceu um caso agora dessa ida em Brasília, que no derradeiro dia, eu chamei as pessoa e falei assim: “Ó, gente, cês não vai hoje em Burduna, não frechem nessas espada não.”, aí uns escamou, falou: (trecho incompreensível) Disse: “Ah, não. Se for pra ir sem essas coisa, eu prefiro não ir.”, eu disse “Pois é um conselho que eu tô dano a ocês.” Eu disse, “Antes de chegar lá tem uma barreira, e hoje a Polícia Militar e a Civil vai acompanhar nós até lá, e lá em roda do congresso hoje tá prevenido da força nacional.” Eu disse: “Num vai não que na barreira cês num passa.” Ele disse: “Ah, vão ver.” Eu disse: “Pois então vai, eu digo com certeza que num passa.” Mas, mas tem, tem hora que uma ideia da gente vale o que parece, mas tem o cacique dos Xicuru lá em Pernambuco, aldeia do Chicão, que é outro que foi assassinado, o Neguim, o Marco, Marquim, que é filho dele que é o cacique também apoiou que num ir com eles. Aí o cacique dos caiapó também apoiou que, que não. Falou assim: “Ó, nós viemo aqui pra levar notícia pra nossas comunidade, e se nós e eles ataca, não vai deixar nós num resolver nada. Eles num vai deixar nós chegar lá.” E era, e era certeza, eles acompanhou nós até lá e voltou atrás, e ficou até de noite em roda, só num podia entrar no meio

nosso, mas em roda eles ficaram. Aí, aí porque o quê que ia acontecer? Eles ia atacar nós com aqueles trem e num ia deixar nós resolver nada lá, então a gente tem que entender, eu falei pra eles: “Ó, pressão só cuzinha feijão. Num vai nessa não que na calma nós vai, mas, mas se com.”, eu disse: “Cês faz agressão, eles ataca, chega lá a força nacional já tá pronta pra isso, é disso que eles tá espantando daquele dia.” Que se viu o tanto de caixão que jogaram lá?

INTERLOCUTOR: Sim.

VALDEMAR: Jogaram aquele tanto de caixão e os meninos ainda saiu mal, os novato, porque ele jogou e passou deles, passou deles e foi entrar lá dentro pra jogar. Eles explodiu uma bomba tão grande que parece que ia acabar Brasília. Aí quando essa bomba pipicou tampou de fumaça, eles ficou no meio da fumaça, eles num tia ideia que eles ia passar que eles ia fazer aquilo, iam ficar do lado de cá, e acabou por só, onde explodiu essa bomba o vento ajudou pro lado nosso, teve gente que caiu, outros tussino, outros chorano, outros caçano, água. Eu disse: “Se cê passa água é pior que ela anda no corpo tudo.” Eu disse: “Cês tem que trabalhar pra sair fora dessa fumaça, num vai entrá lá, não.” Aí, aí nós até pensemo que dos que entrou lá, que ficou dentro da fumaça eles tinha aprendido, aí o povo acampou aqui. Falou “Se prendeu algum, fica sabendo que nós num vamo sair daqui, não.” aí foi chegando deputado, senador: “Não pode deixar que nós vamo corrigir.” Foi corrigir falou: “Ó, tenho uma boa notícia procês, num tem ninguém preso.” Aí nós afastou, o trem lá foi...

INTERLOCUTOR: Foi feio, né?

VALDEMAR: Foi feio. Mas eu esse dia que eu dei concei eles, que nós já fez um, um manifesto lá, porque eles ficou com medo que no outro dia eles atacou nós no caminho de Luziana pra tomar espada e frecha e tomaram.

INTERLOCUTOR: Tomaram mesmo?

VALDEMAR: Tomaro. Eles já ficou com medo de chegar lá com ela. Que um dia nós entremo de (trecho incompreensível) entramo com a trenhada e tudo, quando eles viu nós já tava lá a cavalo.

INTERLOCUTOR: Seu VALDEMAR, o senhor lembra do prefeito Vicente Paulo?

VALDEMAR: Lembro.

INTERLOCUTOR: Ele tinha mesmo terra aqui na, dentro da terra indígena?

VALDEMAR: Tinha.

INTERLOCUTOR: é?

VALDEMAR: Tinha. Inclusive a fazenda do filho dele ainda era dentro da terra indígena. Ele tinha. Ó, aa história de Vicente, eu vejo alguns contar assim, Vicente era um prefeito com lado de índio, é mentira. Sabe por quê? Que ele começou a trabalhar apoiando o finado Rodrigo, mas quando chegou a demarcação da terra que pegou aqui dos papo, aí nessa Serra da Traíra, e faz, aí ele escamou. Nisso eu pensei que FUNAI era outra coisa. Mas se tá cortando escritura dos fazendeiro, ele num pretende gastar valor de nada com FUNAI. E aí ele encrespou, que ele, ele pensou que ia defender as terra escriturada, mas quando ele viu que num ia defender. Aí ele, ele entrou na justiça contra o engenheiro que tava demarcando, o engenheiro tava aqui na entrada da praça, numa casa velha, aí eles ia intrimá ele para uma audiência no dia 20 de abril, em Januária. Aí na hora ele fez ciente da FUNAI e a empresa que eles que era empreiteira, que tinha o nome Prantel. Aí na hora eles veio, ele avisou, aí a FUNAI respondeu que tava vindo audiência, ele iam comparecer porque foi ele que foi intimado, mas quem vinha era FUNAI, um advogado, e vinha o advogado da Prantel também. Aí quando chegou lá, já dizendo, já discutindo, com o finado Rodrigo antes de entrar na audiência. Aí o advogado viu, falou “Rodrigo, venha aqui. Que homem é esse que tá discutindo com cê?”, e ele disse: “Esse aí é o prefeito lá da região de Itacarambi.”, Aí ele foi e falou assim, falou assim: “Que prefeitinho mal educado, meia cara, entra pra cá, num discute com ele não.”, largou ele lá. Aí por ordem que o juiz intimou ele lá, aí a FUNAI disse: “Ó o juiz tá pedindo 20 dias parado com o trabaio, então por ordem do juiz vai, vai parar, vai parar esses 20 dia, mas com 20 dia vai continuar.” Aí ficou os 20 dia, com os 20 dia, ele chegou outra vez, continuou, picada. Mas num era pra ser aquilo, porque o quê que eles falou? Se for demarcado terra suas toda vai levar 20 anos em questão. Aí mas levou 20 anos, enquanto eles, num aconteceu esse problema com finado Rosa, num foi legalizado porque já foi demarcado em 79, e foi homologada, registrada em 89, depois da morte do finado Rosa. Aqui tem um marco nessa serra aqui na frente, ali no jequitibá onde cês veio, que lá tá a data que demarcou e a data que foi registrada lá no mato.

INTERLOCUTOR: É mesmo?

VALDEMAR: Aí, aí, mas num era pra ser assim, eles renegociou nosso território. Depois veio demarcação da Rancharia, aí foi pra duas vez, agora com essa outra tá por três vezes.

INTERLOCUTOR: Uhum, sim. Senhor, VALDEMAR, e tinha outros projetos além da Rural Minas, de exploração de madeira, de outros, outras atividades aqui dentro?

VALDEMAR: Tinha.

INTERLOCUTOR: É?

VALDEMAR: Tinha madeira nessa época era solto, ninguém impedia. Eles tiraram, fazendeiro tirou mais lucro teve deles que a vez perdeu a terra mas deixou ela devastada. Tirou a madeira Toda, vendeu, ele perdeu nada. Aqui tem uma região aqui na frente, tanto tirou a madeira e como a madeira branca carvoeiro acabou com madeiral. Montou esse carvoeiro aí, e destruiu tudo. Lá no Paulo Rocco foi carvoeira, cabou com aquilo lá. Hoje já formou outra vez, quem olha assim digo que num era lá.

INTERLOCUTOR: O senhor lembra quem eram os fazendeiros que trabalhavam explorando madeira?

VALDEMAR: Lembro, aqui tinha, deles aqui tinha, é Antônio Pinheiro, Juarez, aqui tinha, daqui pro brejo tinha Zé Benvindo, Doutor Afonso, (trecho incompreensível) madeira, Martinzão, o Juca.

INTERLOCUTOR: Ele também?

VALDEMAR: É, Juca Santos.

INTERLOCUTOR: Trabalhava explorando madeira?

VALDEMAR: Tudo explorava madeira.

INTERLOCUTOR: E o senhor participou dos mutirões?

VALDEMAR: Participei.

INTERLOCUTOR: É?

VALDEMAR: Participei.

INTERLOCUTOR: Como é que eram os mutirões?

VALDEMAR: É, o mutirão era assim, porque às vezes quando era pra entrar assim nas terra que dizia que era do fazendeiro, avisava então quando chegava lá tinha mutirão, 300, 400 homem, e faziam a roça num dia. Então nós participava disso aí, era muito fácil. Fazia uma roça grande, depois dividia com cada um com um pedaço. Aqui mesmo teve uma terra aqui, que era do doutor Afonso, mais o coronel José Benvindo. Aí o povo aqui da Prata, nesse tempo a liderança era o João Caetano, e ele faleceu, então ele ajuntou o povo aí, a família dele, fez um mutirão, derrubaram uma roça grande aí, dentro da terra, cultivou. Era assim. E lá em Imbaúba, a terra era do Juca Santos, depois passou pra, prum tal de Caribé, no final, era do Caribé. Aí veio nesse tempo, entrou uma pessoa lá na regional da FUNAI, que era o administrador, ele adorou o povo, que era um Carlos, ele veio aí chegou: "Ó, procês irem um, põe roça dentro dessas propriedade de fazendeiro, faz mutirão, num vai de um só, não." Aí lá na Imbaúba, pertencia ao Caribé, e o Caribé botava vigia também armado pra tá vigiando. Aí eu ajuntei uns lá e derrubamos uma roça,

e aí ele disse “Ó, fazer morada também pode.” Aí lá na Imbaúba tinha lagoa, e armei uma casinha lá, (trecho incompreensível) o cara que era o vigia chegando lá. “VALDEMAR, uma casa que tem na beira daquela lagoa, de quem é?” Eu disse: “É minha!” “E aquelas roça que tem lá no Paudoli é de quem?” Eu disse, “É minha também.” Aí ele: “Ah, é que lá não pode, não.” Eu disse “Ó, mas eu já fiz.” E o cara era índio.

INTERLOCUTOR: É mesmo?

VALDEMAR: Era, e era...

INTERLOCUTOR: E ele trabalhava pro Caribé?

VALDEMAR: É, ele trabalhava, vigiando. Mas esse também num ficou aqui, não, nem sei pra onde é que ele tá, parece que eu ouvi dizer que ele tá aqui pro lado da Jaíba. Criaro lá, mas depois parece que era empregado do Caribé.

INTERLOCUTOR: E o que o senhor lembra dessa época, assim, da participação do senhor Rosalino, Manuel, José...

VALDEMAR: Eu... do Rosalino mais Manuel? Eles, eles participava muito da luta e aí, mas o finado Rosa, desenrechou mais porque ele era, ele, ele enfrentava a luta, ele reunia o povo. Fazia reunião que nem hoje, pra amanhã já tá planejado pra ir fazer o mutirão. E nisso eles começou uma rixa com ele, e teve uma coisa também que teve uma parte que eles ficaram conhecendo ele, até mais que o finado Rodrigo. Até em viagem, as entrevista, porque ele ficou... ficou mais conhecido.

INTERLOCUTOR: É porque (trecho incompreensível).

VALDEMAR: É que nem nessa época mesmo, que isso aí atacou a sede, eu, eu conversava até mais vez e eles num sabia que era eu. Porque um dia eu tava em Januária, eu ia pra São Paulo, então lá, quando eu olho, a menina aqui de Imbaúba que o Juca Santo, que era o inimigo da gente, e ia levando pra entregar em Montes Claros. É tanto que essas são a... acabou as notícia, num sei que era (trecho incompreensível) que era uma donesa que tinha lá na Imbaúba, era uma irmã daquela (trecho incompreensível). Ele levou, aí a mulher tá lá sentada, aí eu disse “Uai, doninha, cê tá aqui?” “Tô.” Eu disse: “Pra onde tá indo?”, “Tô indo pra Montes Claros.” Eu disse: “Mais quem?” “Mais Juca.” Aí ele disse “Ixi, sair daqui que ele chega aí ele vê eu.” Aí com pouco ele chegou, aí conversou com ela, ele tinha visto eu conversando com ela. “E aquele cara que cê tava conversando é conhecido seu?”, ela disse “É.” Ele disse: “Chama ele lá” eu disse: “Ô meu pai do céu.”, eu disse: “Agora eu enrolei.” Daí chamou “Ó cê quer fazer um favor pra mim?” Eu disse “Que favor?” “Ocê ensina aquela menina lá os banheiro ali, porque parece que ela nunca saiu de lá, parece que tá assim acanhada,

cê ensina pra mim?”, eu disse: “Ainda bom.” Aí eu ensinei ela, eu disse: “Procê ir no banheiro é ali.”, mas ele: “Eu agradeço muito.” Mas ele não sabia que era eu, não, se ele soubesse, porque ele tinha raiva da gente que uma vez eles fizeram uma cerca, lá nos coisa de 26 família, cercou assim e aí a gente deu um repente ruim, reuniu um povo lá de noite, metendo o sarrafo, cortando esse arame, pra vocês. Foi por isso que ele veio esse destacamento (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: O destacamento de polícia, o senhor fala?

VALDEMAR: Sim.

INTERLOCUTOR: Aqui pra dentro?

VALDEMAR: Sim, pra dentro da reserva porque nós cortemo o arame. Aí aconteceu que nesse arame eu quase que fiquei condenado sozinho. Eles entrevistou eu assim na cerca de arame seguro no poste assim. Agora os outro num tava, quer dizer que era só eu que era culpado daquele (trecho incompreensível) porque só eu que apareci. E o arame foi muito, na boca de foi 2 mil metro que cortou, mas o homem ficou valente.

INTERLOCUTOR: Qual homem? O...

VALDEMAR: O Juca.

INTERLOCUTOR: O Juca?

VALDEMAR: Sim, ficou catando cisco. Aí veio o avião e passava por riba acompanhando a cerca, ficou brabo demais.

INTERLOCUTOR: E aí foi, foi o Juca que pediu ou tentou que viesse o destacamento?

VALDEMAR: Foi ele mais o Djalma, eles era sócio, era dois irmãos. Aí foi os dois.

INTERLOCUTOR: E veio pra cá mesmo?

VALDEMAR: Veio.

INTERLOCUTOR: Pra onde que ficava o destacamento?

VALDEMAR: O destacamento eles trouxero de Montes Claro, e veio de avião, chegou, Itacarambi já veio rebocano as delegacia, mas ainda bem que esse dia, o delegado de Itacarambi, parece Deus ajudou ele, que quando eles veio, passado uma hora o delegado chegou também. O delegado chegou também e falou: “Ó, eu não quero que essa força entra aqui sem ordem minha, porque eu sei que os índio aqui, eles são pacato, eles num guenta essa força, não. Aí falou pra eles... e topou com eles no caminho, as árvores que eles tinha panhado e o delegado tornou a voltar.

INTERLOCUTOR: Não deixou ficar aqui, não?

VALDEMAR: Não deixou, não.

INTERLOCUTOR: E quem que era que ia comandar aqui? Ele teve que voltar pra trás também?

VALDEMAR: O de... delegado?

INTERLOCUTOR: É. Porque eles queriam que alguém ficasse aqui, da polícia, não?

VALDEMAR: Não. Não ficou, não. Delegado só veio, tomou as armas, entregou e voltou, e voltou. E aí eles também foi embora. Que da vez que batero nos índio aqui ma do curral, eles trouxe também a força pra entrar dentro reserva, pra bater no mais gente. Mas quando chegou em missões, nesse tempo existia um delegado (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Ai não...

VALDEMAR: Um delegado véio que chamava Tiadomiro, era avô desse Correinha, o prefeito. Aí o Teadomiro ataiou eles falou: “Ó, entraro lá na, na aldeia, sem consentimento, lá tem o chefe do caboclo, e tem eu aqui que sou delegado eu não vou aceitar, não. Pode voltar”

INTERLOCUTOR: E o chefe era Seu Rodrigo?

VALDEMAR: Não, nesse tempo era meu avô, finado (trecho incompreensível), que tinha o chefe que ele num ia aceitar, não, pudesse voltar, e eles vão tudo (trecho incompreensível) não chego imbu.

INTERLOCUTOR: Tem... quer perguntar alguma coisa?

INTERLOCUTOR: É, eu fiquei um pouco curioso quanto a aliança de 88, que você fala que a polícia andava por aqui.

VALDEMAR: Andava.

INTERLOCUTOR: Mas assim, com que frequência, era todo mês, toda semana... andava muita gente a cavalo? O quê que eles faziam assim... Além de...

VALDEMAR: Eles andava e era e fazia coisa até que num precisava fazer porque eles chegava, eles andava de pé também, muitas vez eu topei com eles lá na, na estrada que ia pro Sumaré, tudo pé com as arma no ombro, e as farda tudo molhada de suor que eles num tinha costume de viajar a pé, e acampava na Olho d'água lá dos Pimenta no Barreiro Preto, fazia os barraco, ficava, sapé esteve acampado e a Sumaré, ficava, fazia acampamento e ficava, ficava dias. Mas aí eles andava a cavalo, se chegasse a gente tivesse trabalhando aí, em qualquer lugar, aí eles ia mandar pro fazendeiro mandar a gente sair, aliás, se zoasse, eles prendia. Porque aqui a pedra redonda mesmo eles atacava direto que tinha, o Emílio morava aí, e o Emílio batia boca com eles, de vez em

quando... até se retirou ele daí. Depois da, da morte de finado Rosa pra cá foi que ele voltou pra Pedra Redonda.

INTERLOCUTOR: Quem que é ele?

VALDEMAR: Seu Emílio?

INTERLOCUTOR: E.

VALDEMAR: É um que tem aqui na Pedra Redonda. Mas ele também nessa época ele passou atropelado, bastante. Mas se não...

INTERLOCUTOR: Seu VALDEMAR, e como é que senhor vê, hoje em dia assim, o quê que ficou dessa experiência aqui pro, pro povo Xakriabá?

VALDEMAR: É, fala assim de...

INTERLOCUTOR: O quê que o senhor acha que teve assim, de consequência, de efeito?

VALDEMAR: De efeito?

INTERLOCUTOR: É.

VALDEMAR: Ó, eu acho que teve um efeito muito grande porque nessa época, nós vivia atropelado, tinha gente que num podia nem ir nessa, nesses comércio comprar o café, né? Precisava tinha que ter um pra ir comprar pra ele. E outra coisa, nós num podia apresentar lá fora que era daqui não. Que era, era pi... perigoso. Mas hoje, depois da FUNAI eu sinto que foi um avanço muito grande, que conforme a hora a gente tá mais sossegado, conforme nós mesmo põe ordem. Se nós vê que a coisa não é bom pra nós, nós põe ordem e o cara é obrigado a obedecer. Que se quiser entrar cá pra dentro e nós disser que não, o cara tem que vazar fora. E naquele tempo nós num impedia ninguém, eles é que impedia nós. Nós tava num lugar e era impedido por eles. Mas hoje eu sinto que ficou bem melhor, porque hoje.. nós num podia apresentar cultura, e, e, é... uma coisa, por inxemplo, se, se tem um apanhado aqui e ocês chegar não achar a cultura nenhuma comigo, eu acho que eu (trecho incompreensível). E naquele tempo num podia apresentar, a cultura era uma coisa em segredo que nós num podia apresentar ela. Mas hoje eu descobri se nós não, num tiver uma cultura dentro da aldeia, e sair pra fora pra apresentar lá qualquer coisa, então é errado, fica pendente pra nós, nós num vamo provar com a identidade como seja indígena.

INTERLOCUTOR: Sim. Quem que impedia de apresentar a cultura, era mais os fazendeiros, a polícia?

VALDEMAR: É, fazendeiro e a polícia, eles num gostava. Se nós fosse fazer algo que nós era, pra eles tinha que executar, não podia.

INTERLOCUTOR: Quê que eles faziam, seu Valdemar?

VALDEMAR: Eles podia bater, matar, porque muitas vezes, as fala, nós num podia usar porque se usasse pra eles, eles num aceitava. Então, tinha que ser do jeito deles.

INTERLOCUTOR: Mas quais eram outras formas assim de apresentar cultura, quando cê fala? Era festa, ritual?

VALDEMAR: É. Então era festa mesmo dos índio cá, só eles, e num passava pra ninguém porque corria risco aí. Eles num gostava, o povo. Então fazia as festa, é que nem é aquilo que eu disse procês, uma folia de reis que o índio ia inventar, o delegado chegava e impedia. Dizia “Se continuar, mando prender ocê amanhã.”, e aí se teimasse, prendia, né?

INTERLOCUTOR: Seu Valdemar, a gente sabe que tudo isso que povo Xakriabá passou trouxe coisas que infelizmente não tem jeito de reparar, né? Num tem volta a perda de pessoas queridas, importantes.

VALDEMAR: Tem não, tem não.

INTERLOCUTOR: Mas se a gente pudesse recomendar, sugerir pro estado algum tipo de reparação, alguma coisa o senhor acha que podia contribuir hoje em dia com o povo Xakriabá, o senhor teria alguma sugestão?

VALDEMAR: Ó, eu acho que, que no meu pensar, eu acho que hoje se tá no conhecimento dos órgão competente, eu acho que eles tinha, eles tinha que recuperar, porque eu acho que era, que é direito de, desvolui mais a gente, procurar evoluir mais pelas perca que a gente teve. Naquele tempo que num era, num era pra acontecer, e eu acho que isso eles tinha que ver que era direito de nós, das terra. Num é recompensando as pessoa, mas eu acho que ter uma conversa que um dia uma pessoa conversou pra mim, que esses acontecimento dessas pessoa que foi tombado dentro da aldeia na luta, se num tinha alguma recompensa, alguma multa pro cara pagar, inclusive a pessoa falou pra mim que a morte do pai dele ali que merecia as pessoa pagar um resgate por isso. Eu também penso que perder a família é injusto de riba do que deu num vale não. Eu acho que o estado se reconhecer, eu acho que tem que reconhecer esse povo como ser humano. Acho o que eles pudesse fazer tinha muito bem pensar isso, que era um direito que nós tinha, porque o índio também tem o direito dele, tem o direito de ser brasileiro, e como seno os primeiro habitante da terra, eu acho que há de reconhecer. Porque o índio faz parte da natureza, ele é que nem um pé de árvore, num sabe como surgiu. Então ele é uma coisa que ficou como uma semente na terra, então tem que saber que esse povo se Deus deixou porque tinha algum prestígio. É igual o campo, a vez o fazendeiro chega ele só pensa em destruir, mas se ele fosse pensar, ele dizia: “Deus deixou assim, porque

ele algum servidão, se devorar pode (trecho incompreensível)”. Eu acho que é que nem nós, aí. Eu acho que o índio num deve ter um terreno muito destruído, que a saúde dele é a proteção dele, porque o índio mesmo ele num gosta de, ele num gosta de cidade, num gosta de um campo aí devorado, ele gosta do lugar, do esconderijo dele pra se defender.

INTERLOCUTOR: Seu Valdemar, a gente sabe que tem muita coisa importante, né, assim, que, que o senhor viveu nesse período. Tem alguma coisa que a gente não conversou, que o senhor acha importante falar?

VALDEMAR: Moça tem um bocado de coisa aí que lembrei. Que que nem hoje, por exemplo, nós hoje aí como cês sabe, nós tem um prefeito aí, né? Tem vereador, professor, agente de saúde, tem pessoa estudando na medicina, então pra nós eu acho que se os governante entender ajuda esse povo, porque no dia do amanhã, se nós tiver competência de trabalhar com o que é nosso, acho que é trabalho pra eles é bem menor. Menor mesmo é cuidar docê, eu acho que é muito importante, e eu acho que essa parte é uma parte que sempre põe na mente que é interessante. Aqui mesmo onde foi pra os professor saiu que foi fazer curso na Vale do Rio Doce, quando voltou pra eles ocupava a vaga aqui tinha professor branco. Então trabalhava uma semana, outra num vinha, e aí assim, e aqui num tinha ninguém formado, aí quando voltou a trabalhar com os indígena, o que que o, nesse tempo o prefeito era o Correinha, que é filho do Vicente, aí ele falou: “Ah, botar índio pra ensinar menino? Ser professor? Vai ficar tudo burro. Índio num tem competência, ele num tem essas portunidade.” Então foi, mas nós recebemo muito avanço por isso, porque hoje nós tem professor, e tem gente formando, formado e tem gente formando mais. Então nós credita que, que isso pra, e UFMG falou pra mim que continua as porta aberta lá em Belo Horizonte, pra os indígena, Xakriabá. Que, porque eu acompanho aqueles estudante que tá lá.

INTERLOCUTOR: Eles estão apresentando trabalho essa semana, né? Final?

VALDEMAR: É, então lá eu acompanhei, só agora é que eu não fui, mas toda vez eu acompanhei. E lá a reitoria falou pra nós que as porta tá aberta e ainda falou assim “Eu acredito que universidade aqui, ela, ela só vai em frente com os indígenas.” Outra carta (trecho incompreensível), disse que: “Ela vai continuar sempre um espaço aberto.” Eu tive lá na reitoria conversando com eles lá, e eles deu muito apoio pra gente. E dá apoio também na demarcação das suas terra. Eles entra tomém com ação a favor nosso.

INTERLOCUTOR: Com certeza. Seu Valdemar, como que...

VALDEMAR: E não agradece também, porque muitas vezes, a gente não pode maltratar muitas pessoa branca também, porque tem deles invasores, mas tem deles que

reconhece direito nosso. Ó até os governante reconhece, agora só num reconhece aquele que tá lá, interino... Aquele homem trabalha pra devorar o Brasil.

INTERLOCUTOR: Com certeza.

VALDEMAR: Que aquele lá não conhece de nada. Lá em Brasília, eu cheguei a ponto de falar, porque teve um ministro falou lá que, que índio tinha a luta por terra, porque terra num enche barriga. Aí eu falei que ele num tinha competência, ele num tinha competência pra tá lá. Porque ele não tinha conhecimento, como é que ele diga que terra num enche barriga? Da terra produz a alimentação e a água pra sobrevive. Então a gente sabe que sem a terra ninguém vive. Num é? Sem a terra nós num tem educação, não tem saúde, nem vida... o governo tinha que saber disso. É, é um homem que entra lá sem competência pra administrar.

INTERLOCUTOR: Realmente é muito difícil, né, Seu VALDEMAR?

VALDEMAR: É.

INTERLOCUTOR: Seu Valdemar, qual que é o nome do senhor todo? Só pra...

VALDEMAR: É Valdemar Ferreira dos Santos.

INTERLOCUTOR: E o senhor tem algum nome indígena que queira falar também?

VALDEMAR: Ó, o nome indígena mesmo eu num tenho, mas eu acho que sou mais conhecido por um apelido que me trata até por raio que diz que é demônio. Eles trata eu Dema.

INTERLOCUTOR: Dema?

VALDEMAR: Aí eu num sei, agora, Valdemar Demônio, eu digo: "Não, num sou demônio não".

INTERLOCUTOR: Quantos anos que o senhor tá, seu Valdemar? Desculpe a pergunta...

VALDEMAR: Tô com 69.

INTERLOCUTOR: Tá jóia.

VALDEMAR: É, mas tem poucos dia pra 70.

INTERLOCUTOR: Mas ainda é 69, né?

VALDEMAR: É, no dia 24 de junho já é, já é 70.

INTERLOCUTOR: Uai, pertinho do meu aniversário então, o meu é no dia 22.

VALDEMAR: Então é bem pertim.. Parabéns procê.

INTERLOCUTOR: Seu Valdemar, a gente queria agradecer muito, viu?

VALDEMAR: Obrigado. De nada.

INTERLOCUTOR: Pelo senhor compartilhar seu conhecimento, a sua sabedoria com a gente.



VALDEMAR: Obrigado.

INTERLOCUTOR: E como eu sou da universidade também é verdade, a universidade tá aberta mesmo pra todos nós.

VALDEMAR: E nós prefiri.

INTERLOCUTOR: E o que a gente puder fazer e contribuir o senhor diga também viu?

VALDEMAR: Tá, tá, (trecho incompreensível).